



## SUDACAS – CORPOS INSURGENTES: CARTOGRANDO CORPOS TRANS COM A CÂMERA POR UMA ARTE POLÍTICA

### *SUDACAS - INSURGING BODIES: CARTOGRATING TRANS BODIES WITH THE CAMERA FOR A POLITICAL ART*

**Janayna Medeiros Pinto Santana**

Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual (PPGACV-UFG), Brasil  
janaynarte@gmail.com

**Rosa Maria Berardo**

Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual (PPGACV-UFG), Brasil  
rosa@rosaberardo.com.br

#### **Resumo**

Este artigo objetiva a uma ruptura com o discurso colonizador e a seus mecanismos de repressão na América Latina, cujos dispositivos nos condicionaram a permanecer como periferia do “primeiro mundo”, ou seja, como uma cartografia eurocêntrica ocidental à constituição política de nossos corpos como subalternizados. Esse invólucro precisa ser problematizado, e essa é a proposta de várias insurgências na arte política latino-americana. Por meio de uma abordagem interseccional, embasando-se nas teorias feministas, e também nas contribuições do movimento Kuir/cuir, dos estudos descoloniais e de epistemologias do Sul, busca-se romper com uma representação de subalternidade, propondo a ideia de corpos insurgentes. Pois, a descolonização, parte da ruptura contra as forças de dominação e à insubordinação aos processos psíquicos que são articulados para nos manterem como sujeitos colonizados, suplantando a ideia de que seríamos inferiores. Assim, propor uma política sexual afirmativa implica na descolonização do pensamento latino-americano sobre as identidades forjadas, gerando práticas dissonantes das hegemônica e genealógica impostas. Nesse sentido, este artigo limita-se a expor partes dessa cartografia, pois não há como contemplar as múltiplas expressões e subjetividades de uma territorialidade tão diversa a questão da desterritorialização colonial.

**Palavras-chave:** transexuais/travestis; interseccionalidade; arte política; América Latina.

#### **Abstract**

This article aims at a rupture with the colonizing discourse and its mechanisms of repression in Latin America, whose devices have conditioned us to remain as periphery of the “first world”, that is, as a western eurocentric cartography to the political constitution of our bodies as subalternized. This envelope needs to be problematized, and this is the proposal of several insurgencies in Latin American political art. Through an intersectional approach, based on feminist theories, and also on the contributions of the Kuir/cuir movement, from the decolonial studies and from the epistemologies of the South, it seeks to break with a representation of subalternity, proposing the idea of insurgent bodies. For decolonization is part of the rupture against the forces of domination and insubordination to the psychic processes that are articulated to keep us as colonized subjects, supplanting the idea that we would be inferior. Because, proposing affirmative sexual politics implies the decolonization of Latin American thinking about forged identities, generating dissonant practices of the imposed hegemonic and genealogical. In this sense, this article confines itself to exposing parts of this cartography, since there is no way to contemplate the multiple expressions and subjectivities of a territoriality so diverse as the question of colonial desterritorialization.

**Keywords:** transsexuals /transvestites; intersectionality; political art; Latin America.

## Introdução

Este artigo se configura como um exercício de desaprendizagem sobre a maior parte dos elementos que nos condicionam, tais como: a reprodução linguística colonial imperialista e sua concepção (para latino-americanos<sup>1</sup>) de inferioridade e subalternidade; a educação e disciplinarização de nossos corpos em um sistema sexo-gênero binário (homem ou mulher) e o silenciamento das nossas subjetividades como um todo.

É necessário buscar nas produções locais a autonomia literária e intelectual e situar-se para além das próprias fronteiras, na expectativa de reverberar outros olhares sobre a América Latina. A linguagem tem seu papel de veículo das ideias e da cultura local, assumindo uma função peculiar também na resistência ao hegemônico, por isso a escolha da linguagem literária, artística e acadêmica deve partir de um trabalho árduo sob novas configurações de uma resistência contínua.

De acordo com Pelúcio (2012):

Falar de saberes subalternos não é, portanto, apenas dar voz àquelas e àqueles que foram privados de voz. Mais do que isso, é participar do esforço para prover outra gramática, outra epistemologia, outras referências que não aquelas que aprendemos a ver como as “verdadeiras” e, até mesmo, as únicas dignas de serem aprendidas e respeitadas. (p. 399)

Cabe aqui analisar como a arte política implica diretamente em ações dirigidas rumo a apropriação de espaços e discursos sob outras visualidades que se distanciam da imposta pela ideologia dominante, identificando outras referências de heroínas e heróis, para além do Velho Oeste e do “herói” sanguinário branco e heteronormativo.

Pretende-se aqui delinear uma pesquisa que parte de um registro visual (fotografia e *making of*) de um seminu na corporalidade de uma mulher transexual, negra e oriunda de classe baixa. Esse registro foi produzido em uma construção colaborativa entre a equipe composta por uma maquiadora, uma *filmmaker* e uma aluna da graduação (monitora do laboratório de fotografia), e em especial, com a *trans* fotografada, que orientou sua narrativa visual aos olhos da câmera (incluindo escolhas dos elementos de cena, posições, ângulos e expressões)<sup>2</sup>.

Segundo W. Mignolo (2003, *apud* Pelúcio, 2012, p. 397) “nossa colonização é também epistemológica”. Por isso, é de extrema importância agora uma deseducação dessas formas políticas de organização dos nossos espaços e da nossa sociedade”. Ao adentrar o meio universitário nota-

<sup>1</sup> A adoção do termo “latino-americano” aqui não se submete como uma forma de generalização das múltiplas subjetividades que há nesse espaço. Mas, a intencionalidade basta em protagonizar geopoliticamente um grupo que aparece “submetido” como subalterno, os sudacas. Contrapondo com uma ideia de resistência.

<sup>2</sup> Ensaio Sudacas: Corpos Insurgentes, 2018 - equipe: Kamille Ferraz; Patrícia Guedes; Claudine Sarmento; Karen de Aguiar e Janayna Medeiros.



se um “branqueamento” dessa parte populacional, uma silenciada política racial/étnica. Como também nota-se corpos dispostos em sua maioria, performaticamente heteronormativos.

Trata-se de levar adiante um trabalho de cartografar corpos que dissidem com a forma generalizada, como a ocupação desse lugar (no sentido de local mesmo) por uma transexual negra, ou mesmo parda, ou mesmo negras e indígenas, entre outras formas de descolonização representativa de nossa sociedade. Viabilizar meios de acesso às “diferentes” se mantém como posicionamentos políticos, onde se há uma política pública amplamente falha. Então, aquelas *corpas*<sup>3</sup> que subvertem devem constituir grandes interlocuções e amplas visibilidades.

É através da arte, em especial, se apropriando da linguagem audiovisual que esta pesquisa parte. Ao propor um ensaio visual com uma transexual negra, universitária e com uma trajetória de luta e de resiliência social constante, que oriunda o trabalho de cartografar ações descoloniais no espaço da Universidade Federal de Goiás. Apresento a proposta de se comprometer com novas narrativas que se estabeleçam como exercício de embate ao imperialismo, a da construção em trabalho colaborativo, em co-criação e co-produção. Sendo assim, há uma forma de se registrar sob outras dinâmicas como a pessoa quer ser vista, e gerar a partir daí um diálogo e uma revisão conceitual de produção.

Em um país como o Brasil, onde há uma transfobia estatisticamente violenta, torna-se imprescindível partir desse diálogo sobre como as linguagens podem aferir ou, até mesmo, fomentar modificações nas ações. E, através das escritas, da produção visual, e mesmo de ações políticas cotidianas deve-se assumir um discurso de enfrentamento e resistência a todo e qualquer tipo de discriminação e enrijecimento à política de *corpas*.

Em uma primeira concepção, não assimilar em nenhum ponto a ideia de inferioridade e subalternidade, dar o reconhecimento e respeito da liberdade legítima sobre a organicidade de nossos corpos, enquanto gêneros e sexualidades, e à profusão de misturas em nossa formação étnico-racial. Portanto, compreender que a diversidade nos fortalece e deve ser valorizada, retomar nossas origens, recontar nossas histórias e produzir nossas próprias representações é o primeiro passo para uma condição de emancipação.

### **A política na arte e a arte-política: Formas visuais de resistência**

A arte se configura a partir de cada cultura e também da compreensão de que esse conceito é definidor de certas ações humanas e de seus produtos. Então, para compreender o que

<sup>3</sup> Esse termo foi apropriado da escrita de Viviane Vergueiro (2015), para designar a si mesma e a todos os corpos *trans*. Segundo a autora, a pensar a diversidade rumo a outras epistemologias, enquanto posicionamentos políticos diante das colonialidades sobre as identidades de gênero inconformes. Fazendo referência direta a um exercício de descolonização da linguagem (intervindo no gênero da palavra corpo), a ser atribuído no feminino *corpas* implica diretamente a uma dissonância a língua normatizada.



é arte, se faz necessário buscar o que não é arte, para logo evidenciar do que se trata. Porém, não cabe a essa discussão o incurso em tal empreitada, pois esse caminho, ou seja, o que arte não é, como nos alerta Tasca (2012, p. 18), é bem movediço. Contudo, é importante destacar que este estudo não pauta-se em outras formas de normatização da arte, mas sim em trazer à sua forma visual uma potente interlocução política.

Portanto, se estabelece aqui uma relação entre a arte e outros territórios, ou seja, arte e política, entendendo que a arte não se fixa, porém as interlocuções e discursos que estão imbricados a ela parecem se desprender das demais linguagens e ser usada tanto para fruição e entretenimento, quanto para corrosão e armamento bélico, buscando autonomia em imagens e sons. Utilizando a arte como um recurso de se inserir no meio político, gerando maior visibilidade à diversidade.

Conforme segue abaixo:

Assim, falar em autonomia da arte demanda explicitar o termo, situá-lo, circunscrevê-lo. De que autonomia se fala? O que se pretende com a utilização desse termo? [...] Se autonomia pode significar tantas coisas, considerá-la como um conceito pertinente para pensarmos as possibilidades de politização da arte contemporânea - o que gostaria de insinuar aqui - depende de como a compreendemos no contexto desta mesma produção. (TASCA, 2012, p. 29-30).

Ao aprofundar as pesquisas em nossas histórias e manifestações artísticas que cumprem a função de disseminar informações silenciadas e adormecidas, ou mesmo, sufocadas, na América Latina, encontramos trabalhos artísticos de grande potência descolonizadora, ou mesmo, desmitificadora dessa colonização.

Como exemplo, a arte sudaca de Diamela Eltit<sup>4</sup>, em especial os trabalhos *El cuarto Mundo* (literatura, 1988) e *Zona de dolor* (vídeo, 1980). No primeiro, a artista concebe uma narração sobre a “irmã sudaca” e sua transgressão, que dado o momento que se considera como sudaca<sup>5</sup>, essa irmã vê-se como independente e não mais se submete, compreende-se no processo de diferenciação à outra, e se reconhece, o que reverbera na autorepresentação da autora. Diamela, no segundo, concebe seu corpo como uma ressignificação política e social. Essas contribuições também são absorvidas na presente pesquisa.

Outra ação situada como uma arte-política é a criação do *El Museo Travesti del Perú* (2009-2013), de Giuseppe Campuzano<sup>6</sup>. Ele engendra em seu trabalho arte-performance

<sup>4</sup> Diamela Eltit é uma eminente artista performática, romancista e crítica cultural chilena. Tanto como artista quanto como crítica, o trabalho de Eltit constitui uma contribuição importante para a teoria feminista e para os debates culturais. Cf. COSTA; REIS (2015).

<sup>5</sup> Expressão utilizada por europeus e norte-americanos para designar de maneira pejorativa os latino-americanos, como sendo “americanos de merda”. Atualmente, a palavra foi resignada de forma política, em sentido reverso, referindo-se as pessoas de um novo mundo, uma periferia insubordinada. Cf. *El cuarto mundo*, de Diamela Eltit.

<sup>6</sup> Giuseppe Campuzano foi um investigador e artista peruano, concebeu o Museu do Travesti do Peru, como forma política descolonial anti-hispânica e como enfrentamento na discussão sobre travestismo e transgeneridade.

e uma pesquisa histórica, pois através de uma personagem ficcional que definiu como “travesti andrógino indígena/mestiço”, compõe uma retomada também histórica às travestis do Peru antes da colonização, e de como foram silenciados por tanto tempo. Esse museu se propôs a desafiar os cânones da própria sistematização da arte, pois esse era itinerante e performático, mas pode-se obter ainda um material de registro. “As ações são efêmeras, elas subsistem agora por meio de fotografias e filmes que circulam pelo mundo da arte”. (TASCA, 2012, p. 13)

G. Campuzano afirmou que seu trabalho partiu da ideia de fetiche ao próprio corpo travestido e de um narcisismo. Em sua fala, “Como musas travestis, encorajamos a interpretação e desafiamos a autoridade”, deixando evidente a sua intencionalidade de subverter. E, “se plantea entonces como subversión de la condición espuria que tanto el museo tradicional, como los presupuestos sociales, le endilgan.” (CAMPUZANO, 2009-2013, n.p.)

Outro exemplo dessa arte política que rompe com a estética colonial trata-se da “Cuceta”, uma intervenção artística (tatuagem) na região anal e perianal, em Tertuliana Lutzosa<sup>7</sup>. Ela afirmou que: “Foi dentro de um estado de autopsia espiritual que eu imaginei a cuceta para o meu corpo, como artesanato do cu que concretizaria muito sobre o meu pensamento traveco-terrorista.” (LUSTOSA, 2016, p. 406).

Partindo dessas premissas e anseios, esta pesquisa considera produzir mais registros sobre esses corpos que por si, são dissidentes aos “normais” e vandalizam com as categorias vigentes. Portanto, a proposta não trata-se somente de um projeto de arte política, mas uma forma de viabilizar formas de deslocamento da memória, da história e das produções visuais para a diversidade.

### **A transexual e a travesti em foco: Os desafios da linguagem às ações**

O ponta-pé inicial para a busca de uma emancipação epistemológica parte do conhecimento dos mecanismos psíquicos de manutenção de uma ideologia dominante, ainda imperialista e brutalmente colonizadora, e congruentemente, uma apropriação da linguagem e seu uso como formas de resignificação. Portanto, é necessário, conhecer os termos e conceitos que devam ser adotados e exercitar incessantemente seu uso, pois:

Existe um uso sexista da língua na expressão oral e escrita (nas conversações informais e nos documentos oficiais) que transmite e reforça as relações assimétricas, hierárquicas e não equitativas que se dão entre os sexos em cada sociedade e que é utilizado em todos os seus âmbitos. (FRANCO; CERVERA, 2006, n.p.)

<sup>7</sup> Tertuliana Lutzosa se autodeclara como “Sertransneja”. É artista, professora de literatura e DJ.



Esta pesquisa pauta-se na necessidade de ampliar o debate em relação às nomenclaturas (termos nominativos) e/ou categorias que definem as *corpas* que aqui aparecem citados como insurgentes. Se trata dos termos “transexual” e “travesti” que, historicamente, vem exercendo um papel politizante sobre as diferenças, e o que as marcam. “Estar no mundo e interagir com a linguagem, as leis e o universo de signos permite que nos identifiquemos com diferentes gêneros e exerçamos de maneiras diversas as várias interfaces da sexualidade” (CORREIA JR *et al*, 2013, p. 245).

Historicamente, o termo transexual foi utilizado pela primeira vez em 1910, pelo sexólogo Magnus Hirschfeld, que usou a expressão “transexual psíquico” para definir travestis fetichistas. Foi retomado em 1949, por Cauldwell, para definir categorias específicas de identificação transexuais, inaugurando a definição de um processo de transexualização de uma “mulher” que queria se “masculinizar”. Na década de 1950 surgem novas publicações que problematizaram o tema. Nas décadas seguintes, 1960-1970, surgiram associações internacionais que buscaram afirmar identidades diferentes a lésbicas, gays e travestis. O termo transexualismo, assim como homossexualismo (“ismos”), tiveram implicação direta com a patologização de quem vive em contradição entre corpo e sexualidade, direcionando a uma ideia de perversividade sexual (BENTO, 2006, p. 39-44).

Segundo Green (2000, *apud* BARBOSA, 2010, p. 87-88), o termo travesti foi citado pela primeira vez em uma publicação da Revista Manchete, referindo-se a homens que se vestiam de mulheres nos bailes de carnaval e, apesar do *travestismo* (termo citado pelo autor) e ser considerado crime (“atentado violento ao pudor” segundo o Código Penal), não faziam alusão à prostituição. O autor complementa que o termo foi disseminado em caráter depreciativo a “homossexuais efeminados”, como “bicha, viado, boneca”. Ainda aparece o termo “transformista” para definir pessoas que circulavam em núcleos artísticas da classe alta, como Rogéria e Divina Valéria<sup>8</sup>.

Através de termos que categorizam e determinam características específicas para certos agrupamentos é que vai-se enrijecendo mais a pluralidade de escolhas. “O processo de patologização e criação das categorias travesti e homossexual promovido pelos sexólogos deu suporte para a criação de estratégias para outra diferenciação, a entre transexuais e travestis”(BARBOSA, 2010, p. 88). E buscando definições que identifiquem as “verdadeiras transexuais” nas esferas médica e jurídica em especial, cada vez mais as travestis foram associadas às perversões, parafilias e fetiches e, as transexuais, com a relação direta de identificar-se profundamente com o sexo oposto:

<sup>8</sup> Rogéria e Divina Valéria são atrizes e cantoras, amigas e rivais que ficaram, conhecidas no Brasil como transformistas, na década de 1980, atuaram no espetáculo Les Girls. Rogéria ficou mais conhecida do público brasileiro devido a maior permanência no país, depois de sua turnê pelo EUA, na Broadway, enquanto Divina Valéria foi para França, e ao retornar passou a se apresentar em países como Argentina e Uruguai.

Nesse sentido, transformar-se num tipo reconhecível de sujeito implica a contextualização situada de um signo dentro de campos semânticos que extrapolam seu uso local. Como esses discursos sobre o “transexual verdadeiro” são corporificados no Processo Transexualizador? Quais são seus efeitos nas performances identitárias de usuários/as trans e na linguagem que eles/as usam? Como, afinal, um indivíduo acaba por ser transformado em um tipo reconhecível de sujeito (trans) para os propósitos do Processo Transexualizador? (BORBA, 2016, p. 46)

Esse “verdadeiro transexual” é uma definição do sistema de saúde e do meio jurídico para que pessoas trans consigam fazer o acompanhamento com terapias hormonais e, se for o caso, a cirurgia de redesignação sexual. Essas determinações implicaram em uma comutação de suas ideias como receita de um bolo, assim, considerando os ingredientes e o tempo de preparo se obtém um produto, ideia essa adotada pelo SUS, em seguimento aos critérios do DSM e do CID<sup>9</sup>.

Contudo, deve atentar-se para:

[...] não confundirmos aquilo que é uma retirada de faca parcial - ou, noutras palavras, mera amenização de violências - com aquilo que está efetivamente comprometido com a cura, a reparação, e a promoção dos direitos humanos trans. Para isso, é fundamental ao menos notar que sangues trans - em particular os marginalizados também por racismos, elitismos e outras normatividades - continuam agonizando esfaqueados por aí. (VERGUEIRO, 2015, p. 205)

É importante expurgar a ideia de que a sexualidade é definida biológica e geneticamente, pois na concepção da transexualidade a pessoa busca uma desnaturalização e a readequação do corpo em outra forma de situar-se, a partir de sua identidade de gênero. Considerar o “natural” como algo imutável torna-se um erro, na medida que o próprio conceito de natural é interpelado pelo próprio contexto. (BUTLER, 2000 *apud* BORBA, 2016, p. 248).

Quanto a essas demarcações, é imprescindível o diálogo com a pessoa a ser identificada, tendo em vista as relações dessas transgêneras com suas *corpas* e suas experiências, para que se situem como transexual, travesti, transformista, *drag queen*, *crossdresser*, ou outras formas de enquadramento.

<sup>9</sup> No Brasil, a despatologização da transexualidade é recente, apenas em 18 de junho de 2018 foi removida da CID 10. Assim, antes caracterizada como uma doença mental, a transexualidade foi posicionada na CID 11, como “incongruência de gênero”, nome dado pela OMS, das condições relacionadas à saúde sexual, juntamente com disfunção erétil e anorgasmia, por exemplo. Mesmo reconhecendo que tal tema demanda maior aprofundamento às pesquisas e suas repercussões, reitera-se aqui que a despatologização é uma conquista de muitos movimentos sociais, como a ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transsexuais), entre outros grupos, como os LGBTQIA e o transfeminismo Interseccional.



## Vandalizando a colonialidade: uma cartografia da transexualidade sudaca, em território latino-americano

A violência foi a primeira linguagem que o colonizador se imbuíu para transmitir seus ideais em nosso território, nada foi pensado de forma diferente. E, trouxeram a violação dos corpos de nossos ancestrais que aqui habitavam. Essa violência se deu pelos embates sangrentos, pelas formas de condicionamento físico e psíquico, e pela dominação ideológica sobre nossa sexualidade e relações de desejo e prazer. Como cita Hija de Perra:

Os conquistadores olharam aos homens indígenas como seres selvagens afeminados por conta da sua ornamentação e às mulheres como fogosas por terem parte dos corpos desnudos.

Nossos ancestrais foram vestidos com roupas estranhas à sua cultura original, cortaram os seus cabelos para diferenciá-los entre homens e mulheres e não permitiram, tomando-as por aberração, todas as práticas intersexuais que produziam alterações à moralista mente espanhola.

Hoje ainda estamos expostos a parâmetros herdados por estes violentos conquistadores através de uma valoração social, moralista e religiosa, que mudou para o bem e para o mal, ordenando essas estúpidas formas de pensamento em nossa vulnerável e adormecida sócio cultura latino-americana. (2014, p. 2)

A educação que nos vem sendo empurrada goela a baixo, reforça a miserável condição de inferioridade e o complexo de colônia, de subalternidade, de periferia, consistindo em um sistema econômico e político embasado pelo neoliberalismo. Esse modelo não nos serve, e deve ser vomitado. É basilar confrontá-lo diretamente, reescrever nossa história, no que é possível, com a dimensão ancestral de nosso território (como fez Campuzano). Cartografar geopoliticamente nossas diferenças, para expor a inconsistência dessas categorizações epistemológicas e genealógicas do Norte. E, aqui defende-se a produção artística de uma identidade sudaca (latino-americana) para que possamos ressignificar nossa semiótica, se é que se estabelecerá sob tal etimologia, e assim nossa própria estética, uma arqueologia de nossas agências.

O intuito é apresentar uma arte política. Dentro dessa pesquisa, essa ideia foi materializada em primeira edição por meio de um ensaio fotográfico (visual) e o *making of* (audiovisual). A ideia foi concebida afim de confrontar a política imposta por uma genealogia hegemônica dominante, que pretende a normatização de nossos corpos e subjetividades.

Assim, a partir de uma abordagem interseccional, busca-se construir em forma de co-autoria este ensaio, entre eu (fotografando), equipe (maquiagem, filmmaker e monitoria) e a pessoa fotografada (uma transexual, negra e oriunda de classe baixa). Dessa forma, pretende-se romper com o modelo imperativo de autoria e dialogar com essa agência focada no coletivo: “Na teoria da arte transfeminista em que se abrange modos de arte-escavações, as narrativas podem ser produzidas em coletividade ou insurgidas de uma contraconduta de gênero.” (LUSTOSA, 2016, p. 386)





Figura 1: Ensaio Sudacas: Corpos Insurgentes, FAV/UFG, 2018

Romper é necessário, acima de tudo, por meio de outras narrativas que, comumente, não são contempladas nessa normatização do olhar oriunda de uma ideologia dominante, dispensando a concepção de uma postulação como minorias e evidenciando corpos insurgentes que vandalizam imaginários e concepções reducionistas de nós mesmos. E, a forma (metodologia) com que é feito ou como é proposto, é o lugar onde inicia o caminho a seguir.

Conforme Tertuliana Lustosa (2016) aponta:

Pensado a partir novas escritas de gênero no contexto latino-americano, a inserção no discurso da arte não se dá senão por uma subversão de autoria decolonial. Ela comunica-se através do entendimento de que existem hierarquias e apagamentos até mesmo nas instâncias de crítica à normatividade. (p. 386)

Esse fazer corpóreo na forma de interrogar ininterruptamente as “caixinhas” que são formuladas para o nosso ser diversificado e orgânico, estabelece-se como um exercício prazeroso, porém árduo, que demanda certa resiliência ativista do campo linguístico (discurso/visualidade), e a conscientização da necessidade da descolonização, sobretudo de gênero, viabilizando caminhos vertiginosos na segmentação enquanto corpos sociais e interacionais. Como aponta Simakawa<sup>10</sup> (2012, n.p.):

[...] tomar consciência da vigência de um regime colonial de gênero consistiria, assim, em enxergar criticamente a hierarquização sistêmica das perspectivas

<sup>10</sup> Douglas Takeshi Simakawa se trata da pessoa de Viviane Vergueiro, mas no presente trabalho traz-se as citações nomeadas de acordo com a autoria atribuída na data de publicação, somente como forma de cumprir as extenuantes normas de citação.



cisgêneras acima das transgêneras e não cisgêneras, e em encontrar formas de resistência individuais e sociais a este regime.

Partir para uma posição geopolítica de enfrentamento pressupõe ressignificar os sentidos primários humanos, de tato, audição, paladar, olfato, visão e tesão, para além do bom senso colonizador. Assim como, de forma amplamente “despudorada”, Pelúcio faz uma provocação ao filósofo Paul Preciado:

Convido Preciado a levar ao limite sua proposta de ler o *queer* em continuidade com a crítica pós-colonial, trocando a testosterona, de suas experiências de gênero e de questionamento sobre monopólios de certos saberes, pelo ayuasca, deixando-se assim invadir por outras substâncias menos tecno, menos euro, menos andro, experimentando na carne outras formas de desafiar as epistemologias centrais. (2012, p. 390)

Nesse sentido, busca-se uma valoração das *corpas* ao nosso redor, e da interposição de discursos de resistência, na intersecção desses problemas que nos atingem. É o que o movimento *kuir/cuir* vem nos apontar.

Conforme Mombaça (2017, n.p.):

Kuir é uma inflexão fonética desse termo que nos foi informado pela produção euroestadunidense; e implica considerar, além das questões ligadas à dissidência sexual e de gênero, o problema da colonialidade em suas intersecções geopolíticas e de raça, classe, espécie.

Nessas *corpas* são representadas uma dissonância (insurgência) ao modelo preconizado pelo colonizador, atribuindo um reducionismo ao binário, hegemônico e violento discurso sob “caixas” a nos aprisionarem. Portanto, essa insurgência se apresenta em uma arte política sudaca, visando práticas dissidentes em nossas narrativas e, em nossas produções artísticas.

## Considerações Finais

Esta pesquisa buscou pensar além das corporalidades capitalizadas, ou seja, pensar em pessoas trans que interagem socialmente como insurgentes, pois rompem com a normatização. Partindo de articulações com uma arte política dissonante e aprofundando nas categorias estabelecidas ao longo do tempo para caracterização dessas *corpas*.

Mediante o diálogo com uma literatura correlata e de grandes contribuições à presente pesquisa (pois muitas partem da escrita de pessoas trans e suas experiências), considerou-se ainda a necessidade de construir outros olhares sobre o tema, mediante o desafio de submeter academicamente a multiplicidade e a organicidade humana. Se algum dia essas dimensões possam ser redigidas.

Este trabalho não tem nenhuma intenção de ser um demarcador, estando amplamente inserido em jogo para possíveis refutações, mediante argumentos incisivos às partes, alcançando assim a finalidade de interlocução com o tema em questão. Buscou-se analisar e evidenciar o conceito de arte política e aprofundar na questão da linguagem e dos termos que categorizam a transgeneridade. A partir do diálogo com outros autores e autoras que problematizam essa temática, esta pesquisa buscou o enfrentamento à colonização das *corpas*, entendendo essa ação como parte da linguagem, neste caso, visual.

Assim, os caminhos da pesquisa foram demarcados por uma incessante busca por falar, ver e ouvir para além de nossos quadrados. Que venham as janelas, as portas, até chegar o dia de derrubar-se as paredes.

## Referências

BARBOSA, Bruno Cesar. **Nomes e diferenças:** Uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual. Dissertação de Mestrado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP. São Paulo: USP, 2010.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo:** sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BORBA, Rodrigo. *Receita para se tornar um “transexual verdadeiro”:* discurso, interação e (des) identificação no processo transexualizador. **Campinas**, v. 55, n. 1, p. 33-75, abr. 2016. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-18132016000100033&lng=pt&nrm=i so](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132016000100033&lng=pt&nrm=i so)>. Acesso em: jul. 2018.

CAMPUZANO, Giuseppe. El Museo travesti. **Instituto Hemisférico de Performance e Política**. Copyright 2009-2013. Disponível em: <<http://hemisphericinstitute.org/hemi/pt/campuzano-presentation>> Acesso em: jun. 2018.

CORREIA JR., José Agostinho; PEDRINI, Mateus Dias. *Corpos em trans-formação: Identidade e gênero em diálogo com travestis, transexuais, drag queens e transformista*. In: RODRIGUES, Alexsandro; BARRETO, Maria Aparecida Santos Corrêa (Orgs.). **Currículos, gêneros e sexualidades:** experiências misturadas e compartilhadas. Vitória: EDUFES, 2013.

COSTA, Grazielle; REIS, Livia. A voz da diferença latino-americana na literatura sudaca de diamela eltit-uma leitura de el cuarto mundo. **ABRALIC**. 2015. Disponível em: <[http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2015\\_1456013771.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1456013771.pdf)> Acesso em: jun. 2018.

FRANCO, Paki Venegas; CERVERA, Julia Pérez. **Manual para o uso não sexista da linguagem:** O que bem se diz... bem se entende. REPEM (Rede de Educação Popular entre Mulheres da América Latina), 1ª ed. Dez. 2006.

LUSTOSA, Tertuliana. Manifesto traveco-terrorista. **Concinnitas**, ano 17, volume 01, número 28, set. 2016.



MOMBAÇA, Jota (Monstra Errática/MC Katrina). Para desaprender o queer dos trópicos: desmontando a caravela queer. **Ssexbbo**, ago 28, 2016. Disponível em: < <http://www.ssexbbo.com/2016/08/para-desaprender-o-queer-dos-tropicos-desmontando-a-caravela-queer/>> Acesso em: mai. 2018.

\_\_\_\_\_. Sob Butler: Cruzando a dystopia brasileira. In: **Monstruosas**: Monstruosidades, políticas nômades e anti-humanismo. Dez. 2017. Disponível em: <<https://monstruosas.milharal.org/tag/jota-mombaca/>> Acesso em: jul. 2018.

PELÚCIO, Larissa. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos à margem sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. **Contemporânea**, v. 2, n. 2, p. 395-418, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/89/54>>. Acesso em: jul. 2018.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Queer nos trópicos. **Contemporânea**, São Carlos, v. 2, n. 2, p. 371-394, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/88/53>>. Acesso em: jul. 2018.

PERRA, Hirra de. Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma. **Revista Periódicus**. Bahia: UFBA. 2ª edição, nov. 2014 - abr. 2015 ISSN 2358-0844

SIMAKAWA, Douglas Takeshi (Viviane Vergueiro Simakawa). Pela descolonização das identidades trans. **VI Congresso Internacional de Estudos Sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH**, 2012.

TASCA, Fabíola Silva. **Por um conceito do político na arte contemporânea**: O fator Santiago Sierra. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2011.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgenderidade como normatividade. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015.

## Minicurrículos

### Janayna Medeiros Pinto Santana

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, da Faculdade de Artes Visuais - UFG; Especialista em História e Narrativas Audiovisuais pela Faculdade de História - UFG; Licenciada em História pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Goiânia; Artista - Artesã; Bolsista pelo CNPq.

### Rosa Maria Berardo

Pós-Doutora pela Université du Québec a Montreal; Doutora pela Cinéma Et Audiovisuel - Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3; Mestre pela Cinéma Et Audiovisuel - Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3; Graduada em Comunicação Social Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás Atualmente é professora na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás.

